

Diretor-geral do Cefet-MG diz que obra do Campus novo em Divinópolis é prioridade

Em entrevista ao **nós**, o diretor **Flávio dos Santos** defende a transformação do Cefet-MG em Universidade Tecnológica: "Haveria um maior acesso a financiamento e melhores possibilidades de desenvolvimento institucional." **PÁGINA 4.**

INFORMATIVO DO CAMPUS V DO CEFET-MG

DIVINÓPOLIS, ABRIL DE 2009

Nº 9

ANO 3

nós

NósOnline: www.div.cefetmg.br



O casarão de Maria Tangará, em Pitangui, ainda existe

Livro narra a vida da "dona Beja" de Pitangui

O autor é o mesmo. O personagem central é uma mulher forte. Mas as semelhanças entre os livros *Dona Beja* e *Sinhá Braba*, de Agripa Vasconcelos, param por aí. A

obra conta as maldades de Maria Tangará, que viveu em Pitangui, cidade próxima a Divinópolis. Veja a sugestão de leitura. **PÁGINA 2.**

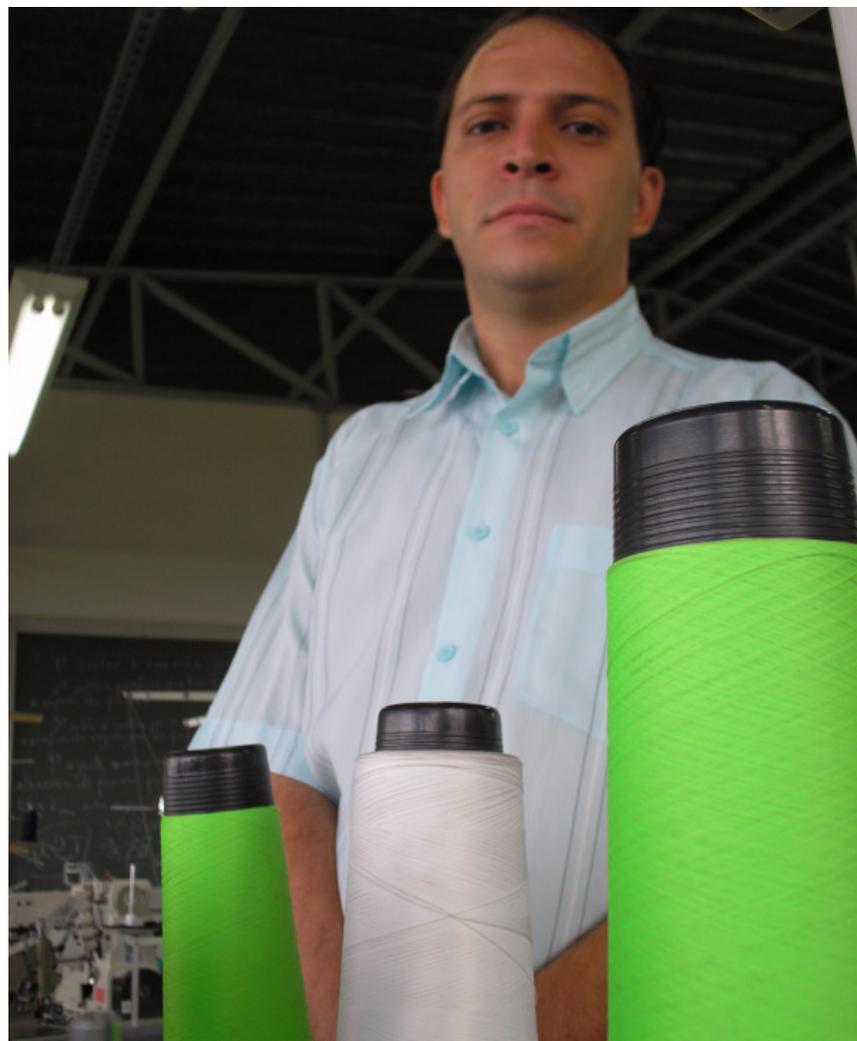


Foto: Assessoria/Campus 1

No Cefet, visitas técnicas ajudam no aprendizado

Uma fábrica de carros de Betim, as centrais elétricas de Furnas, o barroco de Ouro Preto, feiras de moda em São Paulo e até o fundo do mar

do litoral fluminense. As visitas técnicas são parte integrante do ensino no Cefet-MG. A escola comprou mais um ônibus (foto acima). **PÁGINA 2.**



O coordenador do Vestuário Antônio Guimarães defende as mudanças no curso

Novo curso de Design da Moda pode começar no próximo ano

O professor Antônio Guimarães Campos, coordenador do Vestuário, explica a proposta de transformação do curso

em 'Design de Moda'. A equipe de professores da área que criou o projeto depois de ouvir alunos e empresas do ramo, quer

agregar mais tecnologia ao currículo. Muitas disciplinas vão sofrer alterações. O novo curso terá dois módulos **PÁGINA 3.**

Enem pode substituir vestibular nas federais

O Ministério da Educação (MEC) propôs às universidades a substituição da primeira fase do vestibular pela nota do E-

xame Nacional do Ensino Médio (Enem). Seguindo o MEC, a mudança pode se dar já este ano. **PÁGINA 3.**



Você é a favor da substituição do vestibular pela nota do Enem?

SIM

55%*

*Consulta feita a 84 alunos do 3º ano, em 24/03. Contra: 36%. Não sabem: 9%

Sou a favor

Os vestibulares cobram questões exageradamente detalhadas. O Enem é mais amplo e interdisciplinar. *Tiago, 3ªA*

Sou a favor

A abordagem que o Enem faz do conteúdo estudado é mais adequada que a dos vestibulares. *Mariana, 3ªA*

Sou a favor

A decisão pode ajudar a melhorar o ensino no Brasil, pois o Enem é uma referência melhor para as escolas de ensino médio que o vestibular. *Renan, 3ªB*

Sou contra

O Enem é uma prova única para alunos diferentes. Antes de adotá-lo no lugar do vestibular, o governo deveria atacar essa disparidade na formação dos estudantes. *Rhaíssa, 3ªB*

Sou contra

A adoção do Enem vai facilitar a participação nas seleções das universidades e aumentar a concorrência. *Raíssa, 3ªC*

Sou contra

O Enem existe para avaliar o ensino e o vestibular é uma prova classificatória. São funções diferentes, não dá para uma substituir a outra. *Angélica, 3ªC*

nós

Boletim informativo do Campus V

Redação, fotos e arte Professor Luiz Carlos Gonçalves Impressão Gráfica do Cefet-MG Campus I Campus Divinópolis do Cefet-MG R. Monte Santo, 319 B. Santo Antônio Divinópolis-MG Tel: 37 3229-1150 www.cefetmg.br Contato: Coordenação da Formação Geral: formacoaogeral@div.cefetmg.br

SUGESTÃO DE LEITURA

Livro traz 'megeras' de Pitangui e Pompéu



Foto: Divulgapete Saravira.com

Que Flora, que nada. A vilã da última novela das 8 é quase santa perto de Joaquina e Maria Tangará. Para essas duas, nada de beijinho doce ou espoleta. A guerra entre

Joaquina, a toda-poderosa de Pompéu e sua aquirrival, de Pitangui, era na base do chumbo grosso. A história, baseada em fatos e mitos sobre as lendárias mulheres, está no livro *Sinhá Braba*, de Agripa Vasconcelos, o mesmo autor de *Dona Beja*, a também mitológica cortesã de Araxá. *Sinhá Braba* deixa o leitor perplexo em meio a uma história em que não há a favorita.

Tanto Joaquina quanto Tangará são péssimas. Mas é quando elas são piores que se tornam ótimas. Para se ter uma ideia, por diversão, Maria Tangará promove uma luta entre sua gatinha de estimação e uma cascavel. Dispensável citar o placar do duelo. Num acesso de ira,

quebra os dentes de uma égua a marteladas. Isso quando não estava arrancando seios e olhos de suas escravas. Já dona Joaquina, é menos má. Isso, no entanto está longe de credenciá-la à canonização. Inimiga íntima de Tangará - as duas disputaram o mesmo homem -, Joaquina, a sinhá braba do título, respondia à altura aos ataques da rival.

A rixa entre as duas começa justamente quando Joaquina, pobre e de família sem tradição, conquista o namorado da influente, jovem e rica Maria Bárbara, a Tangará.

Que as duas mulheres existido, há indícios fortes. Em Pitangui, qualquer morador mostra com orgulho aos visitantes o imponente casarão, no centro, que teria pertencido a Tangará. A história se passa no século XVIII e, apesar das generosas doses de ficção, ajuda a entender um pouco a formação da região Centro-Oeste de Minas. Isso porque Pitangui, cidade de 294 anos, fez parte do ciclo do ouro. O livro traz, como pano de fundo, uma síntese da passagem de bandeirantes pela região. *Sinhá Braba*, Editora Itatiaia, 45 reais.



Alunos do curso de Eletromecânica em visita a Ouro Preto, em 2008

Viagens ampliam conhecimento

Os alunos dos terceiros anos vão participar da *Mostra das Profissões* da UFMG, no final de abril. O evento ajuda os estudantes a se definirem por um curso superior. Viagens como essa acontecem com frequência no Cefet. As visitas técnicas de professores com alunos são uma forma de levar os estudantes a vivenciarem o que veem em teoria na sala-de-aula. No Eletromecânica, por exemplo, são comuns as visitas a montadoras de carros. Para o Vestuário, há sempre feiras de moda e fábricas de tecidos. Mas mesmo o conteúdo da formação geral faz uso do expedi-

ente das viagens. É uma forma também de proporcionar maior interação entre alunos e professores, além da descontração. "As visitas suprem até a falta de bibliografias sobre determinados temas, proporcionam uma vivência importante", sugere o professor de Biologia José Maria, que todo ano viaja com as primeiras séries a Angra dos Reis (RJ) para analisar os ecossistemas costeiros e a utilização da energia termonuclear. Visitas ao acervo barroco de Ouro Preto também acontecem anualmente. Sempre que possível, as viagens são feitas em ônibus do próprio Cefet.

Professores terão de informar bens até 15 de maio

Todos os servidores públicos do Poder Executivo Federal têm até 15 de maio para disponibilizarem a órgãos do Governo Federal sua declaração anual de bens. A determinação está na portaria MP/CGU 298 de 11/09/07 e obriga os funcionários a permitirem o acesso a sua declaração de Imposto de Renda. O objetivo da Controladoria Geral da União (CGU) é averiguar a compatibilidade entre a evolução patrimonial dos servidores e seus ganhos anuais. A determinação incluiu os professores do Cefet-MG, efetivos ou substitutos. Há duas formas de o servidor cumprir a resolução. A mais prática é permitir o acesso aos dados por meio eletrônico. A outra é fornecer uma listagem impressa dos bens. Nos dois casos, o funcionário terá de preencher um formulário de autorização, disponível no site www.cgap.cefetmg.br. Os documentos deverão ser entregues à CGAP. Terão acesso aos dados, para fins de análise da evolução patrimonial, servidores dos órgãos de controle interno e externo, como a Auditoria Interna do Cefet, o Tribunal de Contas da União, além da CGU.

Acre protesta contra reforma ortográfica

LUIZ CARLOS GONÇALVES

O Acre está em guerra. Nem bolivianos, madeireiros ilegais ou internautas engraçadinhos que teimam em apagar o estado do mapa. O inimigo desta vez é o Acordo Ortográfico. Um movimento formado por jornalistas, políticos e intelectuais do estado da região Norte reclama da nova denominação dos moradores. Segundo a reforma, agora são "acrianos" e não "acreanos". "Acriano é esquisito. Somos acreanos há mais de cem anos. A mudança mexe com nossas raízes culturais", alega a deputada federal Perpétua Almeida (PC do B-AC), líder do grupo. O movimento já tem até nome: "Fórum de Defesa da Nossa Acreanidade" e deve ganhar um site em breve. O professor Evanildo Bechara, organizador das mudanças no vocabulário, diz que o correto é o "iano" e cita "açorianos" como exemplo. A explicação pode não convencer os acrianos ou acreanos, mas pelo menos eles já sabem a quem pedir ajuda na luta contra a mudança.

MUDANÇA

Curso de Vestuário vira 'Design de Moda'

No novo formato do curso, o aluno fará um módulo básico e depois vai optar pelas áreas de Criação ou Gestão

O Curso técnico em Vestuário vai ser remodelado. A começar pelo nome, que passará a ser *Técnico em Design de Moda*. “A ideia é dar um tom de mais modernidade ao curso”, explica o professor Antônio Guimarães Campos, que é também coordenador do Vestuário. Mas ele garante que a alteração não será puramente cosmética. Estão previstas, por exemplo, mudanças também nas disciplinas. *Modelagem e Costura* terá redução de carga horária e *Máquinas e Equipamentos* deixa de existir no novo figurino do curso. Algumas alterações no plano de curso também serão sentidas. É o caso das disciplinas da área de criação e produção.

Mas se algumas matérias saem ou perdem espaço, outras chegam. Serão criadas disciplinas na área de gestão. O objetivo, segundo o coordenador, é que o Técnico em Design de Moda também possa suprir a necessidade de mão-de-obra que as empresas de confecção de Divinópolis têm nessa área.

Gestão

Uma constante no projeto de reformulação do Curso de Vestuário é a palavra “gestão”. O coordenador explica que se trata de uma convergência para uma necessidade latente do setor confeccionista local. “O ramo de vestuário de Divinópolis necessita melhorar as etapas de criação e produção, por meio do investimento em tecnologia. Além disso, o modelo de gestão das empresas do setor necessita de ser revisto e melhorado. É com foco nessa constatação que propomos a reestrutur-



O coordenador Antônio Guimarães: mais ênfase à criação e à gestão

ção do Curso Técnico em Vestuário”, explica. Antônio informa ainda que a área de design, de criação vem ampliando cada vez mais seu universo de atuação. “Às vezes sem muitas regras ou tendências bem definidas, mas sempre pretendendo produzir algo novo, prático e durável”, diz.

De acordo com o coordenador, o Curso de Design de Moda prevê a formação de um profissional técnico com perfil empreendedor e visão globalizada da profissão, para um aproveitamento mais amplo de todas as oportunidades do mercado. “O atual curso é bom, mas as alterações vão deixar as matérias mais antenadas com as novas exigências do mercado de confecção”, explica Antônio.

Tecnologia

A associação entre confecção e tesoura, linha, agulha pode ser um hábito que nunca mude. Mas na

prática, cada vez mais esses objetos de trabalho já dividem espaço no atelier com computadores e impressoras modernos, por exemplo. E é aí que o Design de Moda promete se diferenciar do atual Vestuário. “Vamos dar muito mais ênfase ao aprendizado e aplicação de novas tecnologias”, informa Antônio. O coordenador aposta no uso de softwares de última geração na área de modelagem industrial, planejamento, gestão de empresa, logística e desenho de moda para dar mais atualidade ao curso. “Os nossos alunos formados em Design de Moda vão absorver os conceitos e valores da cultura estilística na prática, ou seja, planejando, criando, administrando, gerenciando pessoas, organizando e executando projetos de moda”.

Criação ou Gestão?

No novo Design de Moda, todos os alunos vão cursar primeiro as

disciplinas de formação básica e, em seguida, escolhem especializar-se nas áreas de Criação ou de Gestão. As disciplinas de formação básica tratarão de temas relacionados a informática elementar, introdução à administração, tecnologia de materiais têxteis, design de moda, modelagem e tecnologia da montagem básica.

Só após esse módulo é que o aluno vai optar entre uma das duas áreas. As disciplinas de Criação estão relacionadas a tecnologia da montagem avançada, ilustração de moda digital, modelagem avançada e pesquisa e planejamento de coleção. Já as matérias da área de Gestão estão ligadas a marketing, gestão da produção de moda, gestão de pessoas, moda e informática, administração financeira, técnicas de vendas, empreendedorismo e comércio e varejo de moda.

O projeto do Curso Técnico em Design de Moda foi concluído em 2008 por professores do curso de Vestuário. As diretrizes foram sugestões e críticas dos alunos e de setores ligados ao ramo confeccionista da cidade, além de uma pesquisa encomendada pelo Cefet em 2007. Neste momento, a ordenação aguarda a posse dos membros da Congregação (antigo Colegiado) para que o projeto possa ser apreciado. O próximo passo é encaminhá-lo para apreciação dos Conselhos competentes do Cefet, em Belo Horizonte. Antônio Guimarães tem expectativa de que o novo curso seja ofertado a partir de 2010. Com a implantação do Design de Moda, nada muda para os alunos do atual Vestuário.

Coordenação coleta e-mails dos alunos de cursos integrados

A Coordenação da Formação Geral quer inaugurar um novo canal de comunicação com os alunos. Para tanto, coletou e organizou os e-mails de todos os estudantes dos cursos integrados. A ideia é, a exemplo do que já acontece em relação aos servidores, usar a internet como mais um meio de contato com os alunos. Avisos sobre visitas técnicas, alterações em horários, realização de eventos, projetos e cursos, por exemplo, chegarão mais rapidamente aos estudantes. Os cursos integrados têm mais disciplinas da Formação Geral.

MEC ainda não divulgou Enem

Exame do ensino médio deve substituir vestibular nas federais

O resultado por escolas e municípios do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), normalmente divulgado em fevereiro, ainda não está disponível no site do Ministério da Educação (MEC). Em resposta a e-mail do **nós**, o MEC informou que não tem previsão de quando os dados serão divulgados.

Vestibular

O ministro da Educação Fernando Haddad propôs a unificação dos vestibulares das federais, que passariam a usar a nota do Enem. A prova seria reformulada para subs-

tituir a primeira etapa dos vestibulares. A segunda ficaria a cargo das universidades. O MEC já teria condições de fazer a mudança este ano.

A principal crítica ao vestibular está ligada ao fato de o exame influenciar o currículo do Ensino Médio. Segundo Haddad, o uso do Enem na seleção ajudaria a reestruturar o Ensino Médio no país. Com questões mais voltadas para o raciocínio e sondagem de conhecimentos consolidados e interdisciplinares, o Enem seria um modelo melhor a ser seguido pelas escolas. Outra vantagem é que sua utilização para o ingresso na universidade significa economia de gastos para o candidato, que não teria que arcar com taxa de inscrição e até viagens para prestar vestibular.

Novos membros da Congregação do campus são eleitos

Os membros do colegiado do Cefet, agora Congregação, tomam posse ainda em abril. Os professores eleitos foram Fernando Lemos (Formação Geral, 7 votos), Edson Marchetti (PGTI, 5 votos), Antônio Guimarães (Vestuário, 3 votos) e Evandro Fockink (Eletromecânica, 6 votos). Os representantes dos técnicos-administrativos serão Leninha e Aldo, ambos com 10 votos. Entre os alunos, Yan (3ºB) foi o escolhido, com 109 votos, seguido de Gabriel, do 2ºA (107 votos) e de Douglas, do 1º Mecatrônica, que teve 98 votos.

“ Temos como prioridade a conclusão da obra em Divinópolis

“ Na prática já somos uma Universidade Tecnológica.

“ Em 2003 eram 33 professores doutores, hoje são mais de 200.

ENTREVISTA

FLÁVIO ANTÔNIO DOS SANTOS
DIRETOR-GERAL DO CEFET-MG

O desafio é conjugar expansão e qualidade

Professor do departamento de Engenharia do Cefet em Belo Horizonte, Flávio Antônio dos Santos é doutor em Engenharia e há dois mandatos, diretor-geral do Cefet-MG. No início de março, esteve em Divinópolis para uma reunião com os servidores do Cefet local. A conclusão das obras do campus da escola e a transformação de Cefets em instituto ou universidade foram os temas que monopolizaram o encontro. “Para o Cefet-MG, tornar-se Ifet [*Instituto Federal de Educação Tecnológica*] seria um retrocesso”, diz. Ele prevê que a sede própria do Cefet em Divinópolis passe a funcionar ainda este ano.

O senhor sabe que a atual sede do campus de Divinópolis não comporta mais turmas? Sim, porém o principal não é a utilização da capacidade máxima, mas a inadequação para o funcionamento de atividades de ensino, pesquisa e extensão no padrão que o Cefet-MG possui.

E as instalações do Cefet de Divinópolis têm esse padrão? Salas-de-aula com boas condições de conforto, laboratórios bem projetados, espaços de convivência, locais de trabalho adequados... Tudo isso é bastante precário na atual sede. A infraestrutura estará em outro patamar nas novas instalações.

Por que a conclusão das obras do campus está tão demorada? Não é a execução da obra que está demorada. O que demorou foi o início, por razões diversas. Os recursos iniciais do Proep/MEC sofreram redução drástica em 2004/2005, e só foram liberados ao final de 2006. O projeto inicial era de um único prédio de três pavimentos. Mudamos para a concepção de um campus, com área verde, de sociabilidade...

Conseguimos da Prefeitura e da Câmara municipais o terreno. Mas tivemos que renegociar uma nova área em razão de questões ambientais, com consequente revisão de projetos, sem falar na burocrática relação com o MEC/FNDE... E foi necessário obter recursos adicionais - o que não é tarefa simples -, já que o MEC/FNDE/Proep cortou recursos iniciais. Isso sem falar nas dificuldades para contratação de empresa para execução da obra. Por fim, a construção de laboratórios, cantina, auditório, não é tão simples como a de salas-de-aula.

Falta dinheiro? Os recursos são escassos, mas temos como prioridade a conclusão da obra em Divinópolis para imediatamente após iniciar a expansão já prevista e discutida no campus local.

O senhor acompanha o andamento do projeto? Claro. Além do acompanhamento por meio do setor de Engenharia, vou pessoalmente à obra. Fui pelo menos três vezes nos últimos seis meses.

Quando a escola se muda para a nova sede? A previsão é que passe a funcionar no início do segundo semestre letivo de 2009.

O senhor é a favor de se mudar mesmo com a obra inacabada? Não. É preciso que esteja tudo em condições adequadas.

Qual é o orçamento anual do Cefet de Divinópolis? Hoje, ultrapassa 1 milhão de reais, sem contar os recursos extras (como para execução de obras, por exemplo). No início de nossa gestão, era de pouco mais de 300 mil reais: crescimento de mais de 200%.

O que o senhor considera ser a maior conquista da sua gestão? Avançamos muito na qualificação dos servidores, expandimos a oferta de cursos superiores



O diretor-geral Flávio dos Santos

no interior do estado, modernizamos os laboratórios e o acervo bibliográfico, implantamos seis cursos de mestrado, ampliamos o número de bolsas de iniciação científica, os programas de alimentação e de bolsas de caráter socioeconômico, além de termos reorganizado o funcionamento e democratizado a gestão da instituição. A ênfase no ensino técnico integrado, no turno diurno, foi um grande avanço também. Houve a implantação de novos campi, como Varginha, Nepomuceno e Timóteo, o que foi importante, mas deve ser atribuído à política do Governo Federal.

Por falar em Programa de Alimentação, não é possível universalizar o atendimento e incluir os servidores? Ampliamos o programa em Divinópolis, mas falta universalizar. É um dos nossos objetivos e estamos trabalhando com a perspectiva de ampliação gradual do atendimento, tanto no interior quanto em BH, onde também há demanda maior que a capacidade de atendimento.

Qual a diferença entre o Cefet de hoje e aquele cuja direção o senhor assumiu há 5 anos? O Cefet-MG é hoje uma instituição mais ativa, com maior participação da comunidade nas decisões. Há espaço para todos que têm projetos e motivação. Também o nível de qualificação dos servidores mudou. Para se ter uma ideia, em 2003 eram 33 professores doutores, hoje já são mais de 200. Cada vez mais os

técnicos administrativos também se qualificam.

Qual é sua opinião sobre a transformação dos Cefets em Institutos Federais de Educação Tecnológica (Ifet)? A transformação em Ifet foi algo bom para os “novos Cefets”, criados ao final do governo FHC [*presidente Fernando Henrique Cardoso: 1995-2002*], porque aumentou-lhes a autonomia e as possibilidades de oferta educacional, embora tenha vinculado o orçamento. Mas para os Cefets de Minas e Rio, criados em 1978, representaria um retrocesso, já que possuem autonomia e financiamento desvinculado, como as universidades federais, além de terem a estrutura própria das Instituições Federais de Ensino Superior desde sua criação.

O senhor ainda defende que o Cefet se transforme em Universidade Tecnológica? Esse é o projeto que sempre defendemos, inclusive nas últimas eleições para diretor-geral. Na prática já somos uma Universidade Tecnológica. É assim que todas as universidades federais nos veem. O que falta é a concretização dessa transformação que, espero, ocorrerá muito brevemente.

Isso comprometeria a oferta de cursos técnicos? Claro que não. Não haveria mudança na oferta de cursos, mas um maior acesso a financiamento e melhores possibilidades de desenvolvimento institucional.

Universidade tecnológica, Ifet... Qual o problema com o atual modelo? Não vejo problema com o Cefet, mas a transformação do Cefet-PR em Universidade Tecnológica, em 2005, abriu novas perspectivas para o Cefet-MG e o Cefet-RJ. Foram os três primeiros Cefets criados no país e esperamos que sejam as três primeiras UTFs! [*Universidades Tecnológicas Federais*]

Qual é o maior desafio da educação tecnológica? Acho que o desafio é conjugar expansão, que significa inclusão, com qualidade.

O senhor é leitor do boletim nós? Sim. Acho uma iniciativa importante. Sobre tudo porque trata fatos cotidianos com visão crítica e consegue despertar o interesse do leitor com matérias leves. Tudo escrito em bom português!